

SER OU NÃO SER PROFESSORA, EIS A QUESTÃO: ENTRE DISCURSOS E VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DO CURSO DE FORMAÇÃO EM LETRAS UNEB CAMPUS II.

Evani dos Santos Dias¹

Resumo: Trata-se do relato sobre o processo de construção da pesquisa de mestrado. A pesquisa se justifica por analisar, as experiências de formação de estudantes do curso de licenciatura em letras, no que se refere à formação de professoras na atual conjuntura de desvalorização da profissional de educação. Para tal parte-se das seguintes questões: Quem são as jovens que desejam a formação como professora? O que as leva a querer a carreira docente diante de discursos constantes de desvalorização profissional? A pesquisa tem como objetivo analisar e refletir a formação de professoras partindo de interpretações autobiográficas e relatos de formação intelectual no que se refere à condição feminina e o trabalho de magistério.

Palavras-Chave: professora, discursos, formação.

A CONSTRUÇÃO DO PROJETO: O PROBLEMA

Sou professora da rede municipal e particular de ensino há 16 anos. Durante minha trajetória, desde a minha opção pelo magistério, passando pela minha formação e até o momento atual, vi muitas colegas desistirem de ser professoras, como também tenho visto as que resistem bravamente, mas fazendo desta resistência um ato muito mais de sacrifício do que de luta pela educação. Nunca conheci, como educadora, outro discurso que não seja o da vitimização ou do sacerdócio no que se referem ao exercício docente, ambos os discursos são extremamente desestimulantes e cruéis. Diante disso, comecei a questionar a mim mesma: por que sou professora se a todo o momento só escuto palavras de desestímulo, violência, desencanto, se a todo o momento parece que estou exercendo uma profissão que não deveria exercer?

Ao me questionar descobri por que sou professora. Por que estou no centro do rio, trazendo aqui Guimarães Rosa, não estou em nenhuma margem. Não me vejo nem como vítima, muito menos como salvadora da pátria. Estou no entre lugar e assim sempre me senti, mesmo inconscientemente e talvez por isso nunca desanimasse com nenhum desses discursos, nunca desejei ser outra coisa que não fosse ser PROFESSORA. E do meio deste rio, observando as margens, quero questionar os que se ancoram a elas. Será que estão ancorados com medo de navegar? Com receio de descobrir um novo olhar? Ou talvez por pavor de ficar a deriva? Partindo dessas inquietações surge o projeto de pesquisa intitulado “Ser ou não ser professora, eis a questão: entre discursos e vivências de estudantes do curso de formação em letras UNEB Campus II”.

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: eva-dias@live.com.

Tal projeto traz como problema a seguinte questão: Por que tantas jovens ainda buscam a formação docente, diante de tudo que desfavorece o magistério, e como vivenciam a experiência do “ser ou não ser professora” frente aos discursos de constante desvalorização da profissional de educação? Perante esta questão, trago a possibilidade de uma terceira margem sobre esses discursos que nos impõe uma profissão amarga, hostil, mas necessária. Diante de um cenário social de constante desestímulo ao exercício da docência, pensar nas estudantes que ainda buscam a formação docente, suas dúvidas e expectativas, é proporcionar uma possibilidade de mudança nesse contexto de desvalorização e abandono da profissão docente.

Esse estudo propõe um olhar sobre “ser professora” a partir das vivências de estudantes do curso de formação em Letras da UNEB campus II levando em consideração concepções e referências sobre: identidade(s) (HALL, 2007), percebendo que não existe sujeito sem discurso e nem identidade sem sujeito (ORLANDI, 2008). Avaliando as representações construídas no cotidiano pelo sujeito, em um determinado contexto (ARRUDA, 2003). Percebendo sentidos e significados que atribuídos ao exercício da profissão docente atuam no conflito de querer ser ou não ser professor (LEMOS, 2009).

DO INGRESSO NO MESTRADO

O interesse pelo Mestrado em Crítica Cultural surge do desejo de ampliar minha qualificação profissional, bem como de aprofundar meus conhecimentos teóricos no que se refere à formação de professores, para que desta forma como educadora, eu possa contribuir para uma práxis educacional mais eficiente e transformadora.

Optei pela linha 2 de pesquisa em Crítica Cultural pois, esta propõe o estudo de linguagens, processos de letramento e formação de professores, a partir da perspectiva étnico-racial, de gênero, sexualidades, classe, considerando os sentidos de políticas públicas, deslocamentos e repercussões nas práticas educativas e na sociedade o que me fez identificar a inserção da minha pesquisa e do questionamento apontado, pois ao investigar sobre as experiências de formação no curso de letras e as jovens que querem seguir a carreira docente, mesmo diante de um cenário de desvalorização, proponho uma crítica ao discurso presente que fortalece a inferiorização da mulher na condição de professora, bem como aponto para a produção de um estudo sobre a mulher incorporado a pesquisa educacional.

Ingressar no mestrado foi uma experiência desafiadora desde o processo de formulação do projeto até as etapas da seleção. Aponto essa experiência como desafiadora, pois, ela me colocou em lugares que antes pareciam distantes para mim como graduanda e profissional de educação.

Estar no mestrado exige um novo posicionamento e a capacidade de não mais estar entre dicotomias, se colocar em um novo lugar, o de pesquisadora. René Barbier diz que o pesquisador desempenha, então, o seu papel profissional numa dialética que articula constantemente a implicação e o distanciamento, a afetividade e a racionalidade, o simbólico e o imaginário, a mediação e o desafio, a autoformação e a heteroformação, a ciência e a arte. O pesquisador então, é antes de tudo um sujeito autônomo e, mais ainda, um autor de sua prática e de seu discurso.

A REFORMULAÇÃO DA PESQUISA: MÉTODO EM MAPAS

Partindo dos elementos teóricos assimilados até aqui, em *Crítica Cultural*, pretendo fundamentar algumas noções que conduzam a compreensão do meu objeto de pesquisa. Ao discutir sobre formação docente, partindo da perspectiva do “ser ou não ser professora” aponto esta questão como uma construção social, marcada por rupturas e fragmentações. Partindo desse pressuposto proponho em minha pesquisa um olhar sobre *Rizoma* de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), que apontam uma estratégia metodológica rizomática. Tal metodologia adquire importância por que conduz a um olhar não totalitário e que questiona a lógica ocidental. Na perspectiva da minha pesquisa o rizoma então, abre a possibilidade para ver a profissão docente fora da dicotomia vitimização/sacerdócio, fora de um paradigma de desvalorização.

Jacques Derrida em sua concepção sobre a implosão da dialética contribui, dentro da discussão da formação docente, com o pensamento do deslocamento e desconstrução dos discursos que sustentam a ideia de que “ser professora” é ser submissa a um sistema que a explora e resistente às dificuldades impostas pela realidade precária da educação do país, marcando sua trajetória com discursos que falam sobre exploração, vitimização e detenção de um saber que a obriga a um sacerdócio. Diante dessas construções ideológicas Derrida contribui quando afirma que o processo da desconstrução se dá quando, se desordena a “ordem interna” de um texto, nesse caso a ordem de discursos que induzem as jovens em formação docente, a assumirem para si uma rejeição a ser professora ajudando a promover uma visão negativa e estereotipada sobre o exercício da docência.

Carlos Ginzburg (1990) oferece como método a investigação minuciosa dos detalhes que muitas vezes passam despercebidos no processo de pesquisa. Propõe sairmos dos incômodos da contraposição entre racionalismo e irracionalismo priorizando os vestígios e os sinais que conduzam a uma pesquisa mais profunda e menos centralizada na obviedade. O que me leva a pensar que, ao

discutir as vivências de jovens em formação, se faz necessário conhecer os detalhes que não estão ditos, sair da objetividade dos discursos e percorrer os caminhos das entrelinhas.

Gaston Bachelard propõe o método do pensamento partindo da psicanálise e contribuindo para o conhecimento do objeto a ser pesquisado. De maneira mais precisa, detectar os obstáculos epistemológicos é um passo para fundamentar os rudimentos da psicanálise da razão.

A escrita autobiográfica também se apresenta como uma metodologia na minha pesquisa. A construção de autobiografias possibilita a socialização de experiências, estimula operações mentais, linguísticas e comportamentais, além de orientar e estruturar a experiência social e de formação das jovens em formação docente do curso de letras. Segundo Mombberger a biografização constitui o objeto de uma atividade incessante, em termos de representações de si e dos outros.

Diante dessas implicações proponho o seguinte roteiro/ mapa que surgiu durante o processo de reformulação do meu projeto:

- a) Avaliação do meu papel como estudante de mestrado e a relevância da minha pesquisa em crítica cultural no que se refere à formação de professores;
- b) Revisão e inserção de novas referências durante o processo de reformulação do projeto de pesquisa;
- c) Participação em grupos de estudos para amenizar as dificuldades encontradas, bem como partilhar leituras;
- d) Revisão da metodologia que será utilizada na análise de dados da pesquisa;
- e) Permitir-se conhecer sem julgar e entender que não existem caminhos ou verdades definidas;

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Ângela. Representações sociais: dinâmicas e redes. In: ALMEIDA, Ângela Maria Oliveira et al (Org.). Teoria das representações sociais: 50 anos. Brasília, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade em questão: Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP& A Editora, 2001.

LEMOS, José Carlos Galvão. Do encanto ao desencanto, da permanência ao abandono: trabalho docente e a construção da identidade profissional. Tese de doutorado. UNICAMP, São Paulo, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 7 — 37.

DERRIDA, Jacques. Semiologia e gramatologia — Entrevista a Julia Kristeva. In: *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1. reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1990.